

VISÃO DO CORREIO

O desafio da nova aliança venezuelana

Os terremotos gêmeos de magnitude 7,2 e 7,5 que devastaram a Venezuela na quarta-feira, deixando centenas de mortos e lançando o país em estado de emergência, transcendem a catástrofe natural. A tragédia humanitária acelera o calendário geopolítico e põe à prova a sustentabilidade da nova arquitetura de poder desenhada por Washington. O desastre ocorre no exato momento em que o governo de transição, liderado por Delcy Rodríguez, preparava o anúncio da reestruturação de uma dívida externa de US\$ 240 bilhões (aproximadamente R\$ 1,2 trilhão), passivo muito superior às projeções iniciais de mercado.

A velocidade e a escala da resposta humanitária coordenada pelos Estados Unidos servirão como termômetro do peso político de Delcy Rodríguez perante a Casa Branca. O envio de socorro é a validação de que a dirigente é, de fato, a escolha do presidente Donald Trump e do secretário de Estado Marco Rubio para estabilizar o país sem o custo de uma ruptura violenta, após a prisão do ex-presidente Nicolás Maduro, em janeiro deste ano, em uma operação militar. Resta saber o que está por vir.

A assistência emergencial funciona como o selo de garantia de que a transição necessária para demonstrar capacidade administrativa perante uma população historicamente fustigada pela escassez. Mais do que tendas e equipes de resgate, a tragédia oferece o pretexto técnico e moral para que o Tesouro americano viabilize um socorro financeiro de proporções inéditas, contornando travas burocráticas no Congresso. Sob o manto da reconstrução de infraestrutura crítica, recursos que antes seriam retidos por sanções podem agora irrigar uma economia paralisada. É uma oportunidade real de aliviar a pressão de uma dívida que ameaçava sufocar a

transição antes mesmo de sua consolidação.

A crise, porém, bifurca o futuro venezuelano em duas direções. O primeiro caminho aponta para o êxito de uma engenharia política pragmática, onde o apoio econômico de Washington ancora a governabilidade e moderniza o aparato estatal. O segundo aprofunda a catástrofe e evidenciaria o fracasso na gestão da ajuda e a manutenção dos vícios da estrutura chavista sob nova roupagem. Se a parceria falhar em entregar resultados práticos além da retórica de cúpula, a frustração social acumulada pode converter-se em nova onda de convulsões civis.

A história oferece precedentes pouco animadores. Transições ancoradas em catástrofes naturais e socorro externo raramente entregam o que prometem quando o aparato institucional do país receptor permanece intacto em sua lógica interna. O Haiti de 2010, também devastado por um terremoto, é o exemplo mais doloroso: bilhões em ajuda internacional e presença militar prolongada resultaram em um Estado ainda mais frágil do que antes do terremoto. A Venezuela carrega vulnerabilidades distintas — recursos naturais reais, uma diáspora com capital humano e uma oposição organizada —, mas compartilha o risco central: o de que a ajuda externa financeie a sobrevivência das mesmas estruturas que produziram o colapso.

A reconstrução da Venezuela não se resolverá com discursos de solidariedade ou alinhamentos provisórios. Se a nova aliança entre o trumpismo e os remanescentes do chavismo capitular diante do primeiro grande teste real, restará provado que a mudança foi apenas cosmética. Para um povo que já suporta o peso da história e da negligência, o colapso das instituições seria um abalo muito mais definitivo do que os terremotos devastadores.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

A esperança da Seleção

Falar de Seleção Brasileira hoje é, inevitavelmente, falar de Vinicius Junior. O garoto que deixou o Flamengo sob o peso de uma enorme desconfiança internacional não apenas deu a volta por cima, mas assumiu o protagonismo de um dos maiores clubes do mundo: o Real Madrid. Com a transição da “era Neymar” e as constantes ausências do camisa 10, o peso de liderar o ataque canarinho caiu naturalmente sobre seus ombros, alçando-o ao posto de principal referência técnica e midiática do nosso futebol. Essa ascensão não foi por acaso. Vini deixou de ser apenas um ponta veloz e habilidoso para se transformar em um jogador letal. Ele refinou sua finalização, aprendeu a ditar o ritmo dos contra-ataques e desenvolveu uma virtude rara: a de crescer nos momentos de maior pressão. Mais do que gols e dribles, o camisa 7 carrega consigo a resiliência de quem enfrenta o racismo de cabeça erguida, transformando a opressão em combustível para sua liderança. Diante disso, Vinicius Jr. transcendeu o campo: ele não é apenas o presente da Seleção Brasileira, mas o rosto, a voz e a maior esperança de dias gloriosos para o nosso futebol.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Santos (SP)

Justa homenagem

Muito bonita e oportuna a homenagem de Jair Tedeschi aos militares, policiais e bombeiros, do DF pelos 60 anos de sua instalação, publicada na edição de 25 de junho do **Correio Braziliense**. Somente uma ressalva a fazer: por modéstia e humildade, Jair Tedeschi não se colocou no meio desses militares antigos ainda vivos, já que ele é coronel veterano da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), com relevantes serviços prestados tanto para a sua corporação quanto para a comunidade do Distrito Federal. Parabéns, meu coronel.

» **Paulo Molina Prates**
Asa Norte

Teatro de lorotas

Jaques Wagner finalmente se tocou — mas demorou — e deixou a liderança do governo no Senado. O cargo é do presidente da República, não é do eventual ocupante. Diz

que não fez nada de errado — Daniel Vercaro mente, Wagner é santo. E vai fazer campanha na Bahia em busca de reeleição com essa toada patética. O povo trabalhador tem que ouvir e conviver com esse teatrinho de lorotas que levam a classe política para o fundo do poço da indignidade. Nessa linha de afrontas ao bom senso e à verdade, surge Fernando Haddad dizendo que Jaques Wagner é inocente. Vai afundar mais ainda a candidatura dele, pelo PT, ao governo de São Paulo.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Maior patrimônio

Enquanto as autoridades lutam para salvar um banco e mobilizam bilhões de reais para garantir a sua estabilidade financeira, muitas pessoas continuam sofrendo nas enfermarias dos hospitais de referência de Brasília, enfrentando falta de estrutura, demora no atendimento e dificuldade no acesso à saúde. Não sou contra medidas para preservar uma instituição financeira, mas acredito que o maior bem jurídico a ser protegido é a vida humana. Investir na saúde pública e garantir dignidade às pessoas deveriam ser prioridade absoluta, pois nenhum patrimônio é mais valioso que a vida

» **Maurício de Souza**
Brasília

Consórcios falsos

Tudo acontece da mesma forma: anúncio bonito, atendimento rápido, “aprovação garantida e sem burocracia “. Quando a vítima percebe, já entregou documentos, fez depósitos e caiu na lábia de quem só queria se aproveitar. O golpe dos consórcios falsos lesou, pelo menos, 45 pessoas no Distrito Federal. Enquanto isso, os responsáveis movimentaram milhões, ostentaram vida confortável e deixaram um rastro de prejuízo, vergonha e frustração. Até quando vamos conviver com isso? É essa a sociedade que queremos, onde todos querem lucrar com a boa fé dos outros? Gostaria que os políticos e autoridades constituídas pensassem a respeito e cumprissem os seus deveres, antes de ficar articulando alianças para as próximas eleições!

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

GDF realoca ambulantes da região central de Ceilândia.

A governadora dá mais oportunidade para pessoas em situação de rua do que para quem trabalha na rua em busca de sustento.

Yago Silva — Brasília

O Centro de Ceilândia ficou mais limpo e organizado com a retirada dos ambulantes.

Há outros lugares para eles trabalharem!

Izabel Fidelis — Brasília

Michelle Bolsonaro posta vídeo e diz ter sido maltratada, humilhada, desrespeitada e apunhalada por Flávio Bolsonaro. Flávio pede desculpas: “Foi sem querer, querendo.”

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

“OAB para médicos”: é certo que um diploma não basta. Portanto, todos os profissionais deveriam passar por um exame de eficiência na sua área de atuação.

Affonso Marçal — Sobradinho

O terremoto ocorrido na Venezuela é mais uma desgraça na vida dos venezuelanos depois das de Chaves, Maduro e Donald Trump! É muita tragédia para um povo só!

Mauro Evangelista Duarte — Brasília



DARCIANNE DIOGO
darciannediogo.df@dabr.com.br

Canto da sereia

Na mitologia grega, a sereia surge como uma criatura profundamente atraente, sedutora e irresistível. A lenda diz que os marinheiros abandonavam suas embarcações ao ouvir a doce melodia hipnótica. Mergulhavam mar adentro ludibriados pela sedução e sofriam naufrágios fatais. O canto da sereia é uma metáfora precisa para a vida do crime. Ele te arrasta por cifrão e cobra com juros. O ditado “cadeia ou caixão” não é clichê. É crônica de morte anunciada.

A criminalidade é como um polvo. Tem vários braços e funções. Tratemos de um, talvez o primogênito: o aliciamento. Esse herdeiro nasce com uma pergunta muito clara: “O que você tem a me oferecer?”. A resposta é aquilo que o jovem encontra na porta de casa. O glamour, a oferta, o pertencimento, o cargo, a importância, o poder. É uma guerra travada entre Estado, família e crime. Uma corrida contra o tempo em que quem chega primeiro faz o estrago. Para o bem ou para o mal.

A série documental Territórios, da Globo Play, desmembra o crime organizado. Aborda desde o surgimento das facções até os estilhaços que ferem a sociedade. Em um dos episódios, revela a facilidade da inserção no crime em uma das favelas do Rio de Janeiro. As próprias “linhas de frente” das forças de segurança são unâimes em afirmar que há controle faccioso em determinadas áreas.

Limitadas são as portas que uma criança gerida na zona de fogo tem para abrir. É injusto e cruel atribuir a um menor de idade o peso da liberdade de escolha. O questionamento que orbita essa covardia é: essa criança tem, de fato, capacidade concreta para exercer a liberdade? Na calçada da própria residência, ela vê os colegas ganhando dinheiro, ostentando tênis ou boné novos. Rodeada de mazelas, pensa: “Quero também”.

Como uma comida apetitosa servida em uma bandeja de aço, a oferta chega em um piscar de olhos. O “contrato empregatício” dispensa burocracia e formalidade. O cargo? Aviãozinho. Mas há chances de promoção, a depender do desempenho do funcionário. Embora inicial, o posto já cobra seu preço. Ele é o primeiro degrau do calabouço.

Para os grandes traficantes, a cooptação de menores é estratégica: permite mais movimento na engrenagem criminosa e dificulta a punição. O Comando Vermelho já permitia o batismo de adolescentes. Em menor escala, o Primeiro Comando da Capital (PCC) adotou o mecanismo, mas, até hoje, não oficializou a regra em estatuto.

No final de 2015, o grupo de rap brasileiro Pregadores da Paz lançava a música “Canto da sereia”. Em um trecho, a narração da vida bandida com erros ortográficos proposital: “Vários convite, vários drink. Só quebrada de elite, com as mina de boutique o crime faz vários convite. Te arrasta por cifrão, cada um na sua função pagando de ladrão (...) Quantos se perderam? No crime se envolveram. Af foi louca pro parceiro, a morte veio num isqueiro”.

É isso. A identidade, o pertencimento e o falso luxo tocam a campanha insistentemente. Na vida do crime, quanto mais “soldados” melhor. Quando morrem nas guerras, a substituição é quase que imediata. Me parece que, para o Estado, parece restar o conformismo. Ouço muito a frase: “são as escolhas”. É o álbi perfeito. Mas refuto ao perguntar: quais foram todos os caminhos, para além daqueles oferecidos pelo crime, que o Estado propôs? A verdade é que nenhum mãe coloca filho no mundo para virar bandido. Se o posto inicial na engrenagem criminosa é o primeiro degrau do calabouço, a indiferença é o último. Nesse descompasso, a culpa é coletiva.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br